

Espelho Opaco

Pablo Jamilk

Copyright: Pablo Jamilk© - 2018

Dados catalográficos

J32e Jamilk, Pablo.

Espelho opaco. 1ª ed. Cascavel: Clube de Autores, 2018.

1. Literatura brasileira. 2. Poemas. 3. Poesia.

CDD: 869.91

Atenção: A presente obra é protegida por direitos autorais, segundo a lei 9.610/98. É proibida a reprodução, total ou parcial, do conteúdo desse livro, sob pena de sanções legais.

Sumário

Lembrança.....	11
Reflexo.....	12
Versos Mórbidos.....	13
Os ratos.....	14
Hora do almoço.....	15
Composição.....	16
Pensamentos	17
Antes de dormir.....	18
Quando abrir	19
Guerra.....	20
Murmúrio	21
Poema Vazio.....	22
Metafísico	23
Cida.....	25
Engraçado	26
Reflexão I	27

Reflexão II	28
O Rio de Janeiro continua.....	29
Gordo de lágrimas	30
Ferimento	31
A queda dos meus arcos.....	32
Aviso	34
Viagem de avião	35
Esforço, não acaso.....	36
O grito	37
Sorriso.....	38
Dia da Mulher	39
Alvo duplo.....	40
Limiar	41
Esteira.....	42
Chique	43
Fantasia	44
Madrugada	45

Álbum de família	46
Não diga “adeus”	47
Luminária	48
Sobre o tamanho.....	49
Plural.....	50
Caça aos poetas	51
Pena fundamental	52
Gaveta.....	53
Luneta.....	54
O Capital	55
~.....	56
Possessão.....	57
Barata-voa.....	58
Paradoxo.....	60
De pai para filho	61
Bate-papo	62
Pluviema.....	63

Poema encontrado.....	64
Rosalda	65
Rua da Lapa	66
Pouco.....	67
Amor	68
Silêncio	69
Espelho Opaco	70

A literatura humaniza o homem.

Lembrança

Sempre que eu parto,
Uma parte de mim se parte.
Deixo-lhe algo
Para completar-me quando voltar...

Essa parte é do coração,
Mas a entrego com a ponta
Dos lábios...

Reflexo

Há um reflexo da sua imagem em minha alma.
Quando fecho os olhos,
Ele se abre.
Nenhum sonho, nenhum suspiro
Escapa dessa imagem
Sensorial, vivaz.

Às vezes, prefiro um sono indolente.
Nele, acharei você, seus cabelos.
Tocá-los-ei, sentirei seu perfume.
Depois, acordarei.
Sem saber o que é melhor.

Versos Mórvidos

É, meu amigo, a vida é uma
Contagem regressiva;
Mas nunca sabemos quando
O relógio está no horário
De verão...

Os ratos

Na calada da noite,
Os ratos – como é de sua tradição –
Subtraíram aquilo que nos pertencia.
O último pedaço do queijo moral
Esvaía-se ao som dos animais sujos.

Cada rato tem sua cor,
Seu jeito de andar.
Cada um veio de um lugar.
Uns falam bem o Português
Outros precisam de tradutor.
Uns se vestem com linho,
Outros tomam champanha.
Alguns ainda estão em campanha
Em busca do prato comezinho.

Uns usam perfumes da França,
Outros passam colônia italiana.
Alguns se agarram na esperança
De permanecer na toca mais uma semana.

Sabemos que cada rato,
Gordo ou magro,
Branco ou preto,
Escolarizado ou de pouca instrução,
Do canto norte ou do canto sul,
Com perfume italiano ou francês,
Falando mal ou bem o Português,
Não deixa de ser rato,
Não deixa de ser sujo.

Hora do almoço

Na hora em que eu almoçar,
Quero que a comida faça lembrar
Minha casa,
Minha mãe,
Minha esposa.

Se não for isso,
É só comida,
Não é almoço.
E, por mais que eu ria,
Das notícias do jornal,
Não tem graça,
Nem sabor,
Pois é a memória que tempera
A minha feijoada!

Composição

De zero até uns setenta anos,
Passamos compondo versos.
Alguns sem métrica
Outros sem rima
Tantos sem sentido.
Às vezes insistimos em usar
A mesma palavra
Quebrantada de outras estrofes.
Os anos iniciais passam vibrantes
Como uma oitava-rima.
A jovialidade dança nos versos livres
Nos dísticos do coração.
Envelhecemos no passo de uma redondilha maior.
Nem tudo escrevi sozinho.
Os mais belos versos da minha composição
Foram escritos quando a pena estava em sua mão!

Pensamentos

Com qualquer palavra, faz-se uma frase!
Com as palavras certas, compõe-se um poema!
Com certos valores, faz-se uma casa!
Com os valores certos, edifica-se um lar!
Com certas pessoas, faz-se um casal!
Com as pessoas certas, constrói-se o amor!

Antes de dormir

Seu Lira era casado,
Bem casado,
Com dona Janda.
Cerca de quarenta anos:
Tinham mais tempo juntos
Do que separados.
Aposentados, alternavam-se
Em serviços domésticos
E almoços em família.

Ela odiava
Quando ele dormia sem escovar os dentes,
Quando ele fazia suas piadas,
Quando ele bebia cerveja.
Ele nem ligava para os ódios dela.

Um dia, ele bebeu cerveja,
Fez piadas
E dormiu sem escovar os dentes.
Feliz.

Ela dormiu com ódio,
Sem dizer “boa noite”.

Ele foi.
Ela ficou.
E, por alguns anos,
Tudo que ela queria
Era interromper uma garrafa,
Criticar uma piada,
E mandá-lo escovar os dentes.

Quando abrir

Quando eu abrir os olhos,
Verei toda a ciência do mundo.
Verei os meus pecados.
Verei os teus segredos.

Quando eu abrir meus olhos,
Desvendarei os mistérios do universo.
Saberei se Deus existe,
E se tu me amas como dizes.

Quando eu abrir meus olhos,
Tudo será revelado:
As linhas do meu futuro,
Os passos do teu passado.

Quer saber? Mesmo?
Escolho ficar com eles fechados.

Guerra

Todas as armas do mundo
Não matam
Como mata
A saudade que sinto de você.

Elas só matam uma vez.
Ela me mata todos os dias
Em que seus olhos não encontram
Os meus.

Murmúrio

Eu não consigo olhar
Para o carrasco da madrugada,
Que se arrasta em minutos
Tristes pela tua falta.

Poema Vazio

Liberdade
Democracia
Justiça
Igualdade
Esperança
Fé
Deus
Lei
Direito
Amor
Dinheiro
Literatura

Metafísico

É possível apaixonar-se
Apenas com uma troca
De olhares?
Sabendo que, provavelmente,
Nunca mais verá aquela pessoa?
Os olhos podem agarrar a alma
Tanto assim?
Fitei você; seus olhos me atacaram.
Duas, três, quatro vezes.
Passaria o resto da vida ali,
Em pé, olhando.
Palavra não seria dia.
Boca pra quê? Com esses olhos...
Eu me casaria na hora,
Sem testemunhas,
Apenas os olhos, ah, Meu Deus!

Que pedaço mais poderoso,
Que me parou o andar,
Que me parou o dia,
Que me parou a vida.
Você, ao telefone, virava a cabeça,
E me castigava.
Queria saber se sentia o mesmo.
Sentia? Sentia?

Eu seria santo ou pagão,
Cavaleiro templário
Ou mercenário;
Comporia a Bíblia de trás para frente.
Arrastaria meu passado na lama

Por uma vida daquele olhar.
Se você olhasse para as desgraças do mundo,
Todas acabariam,
Todas parariam:
Guerras, revoltas, fome, ganância, tudo.
Arrefecido pelo seu olhar,
O mundo dormiria sem
Aquecimento global.
A economia seria ajustada.
Até a corrupção perderia
Seu maldito posto de engrenagem.

Todos os poetas calados,
Sem versos para uma laudatória composição,
E meu coração... revoltado.
Foram os dez segundos
Da maior metafísica
De todos os universos imagináveis.
Congelado, depois sublimado,
Meu eu vaga sem olhos
Pela eternidade de um acaso
Com e sem você.

Cida

Ela tem 43,
É bem moça ainda
Trabalha no restaurante do Tcheco.
Frita
Pastel, carne, frango, linguiça.

Sempre vejo a Cida de cabelo preso,
Mas sei que é morena,
Tem uns fios brancos já.
Nem ligo.

Queria a Cida lá em casa.
Queria que ela fritasse pastel para mim.
Não ia faltar cerveja pra ela.
Nem que eu rebocasse parede de domingo a domingo.

Adoro quando pego o bife no almoço
E ela pede: quer um ovo?
Ela sabe que eu gosto.
Digo: você sabe como eu gosto.
Ela ri gostoso,
E o dia fica bem melhor.

O Pereira disse que ela deveria
Ter cuidado dos dentes.
Ele que se foda.
Eu não ligo.
Gosto assim.
Ai, se ela fritasse ovo lá em casa.
Não ia faltar cerveja pra ela.
A Cida é linda!

Engraçado

De tanto que empurrei,
Um dia você disse:
- Não volto mais!

Achei engraçado,
Você costumava voltar.

Sabe, o mais engraçado
É que peço, para qualquer um,
Um empurrão.

Para ver se acabo parando
Talvez no mesmo ponto
Em que você está.

Reflexão I

Muito da vida se perde
Em blocos de cimento.
Dias passam,
Vidas passam,
Sem que se saiba o que é estar vivo.

Perseguimos os números para vencer outros,
Mas os números são apenas
Uma abstração.
O tempo também o é.
Vivemos em função de algo
Que não existe.

Deprimimos, reprimimos
Em nome de uma fantasia,
E temos coragem de rir de quem
Diz acreditar em Deus.

Reflexão II

A vida é muito simples
Para complicarmos tanto.
Palavras podem traduzir errado
Um sentimento certo.
Isso macula,
Isso fere,
Mas temos a medicina de curar
Essas feridas
E estancar o sangramento.
Nós é que sangramos por opção.

E a lágrima, ainda que necessária,
Tem a constância com que a cultivamos.
Rios caudalosos, mares de fragata
Deveriam transmutar-se em poças de rua
Regadas por três ou quatro fatos.

O Rio de Janeiro continua...

A topografia do Rio é feminina.
Suas reentrâncias,
Seus mistérios curvilíneos
Não são de homem.
E, graças a Deus,
Não são do homem.

Há um mar, que beija a areia
Em ondas espumosas.
Cada morro sobe e desce
De maneira sensual e lasciva.

Há perigos ocultos em alguns, sim.
De resto, é mais desafio e aventura.
Mulher inconquistável, esse Rio de Janeiro.
Daquelas que olham, acenam, e se são.
Também olho, aceno e me vou.

Gordo de lágrimas

Já chorei para dentro inúmeras vezes,
Estou gordo de lágrimas.
Selei o que é demonstrável.
Talvez, pelos meus poros,
O líquido salgado se esvaia
E molhe a tinta da caneta
Ou o piso da vida,
Mas assim escrevo.

Do mesmo modo que depuro
As mágoas de outrora,
Que – de tão vivas – me cutucam o pescoço.
Afasto com uma frase frívola;
Penso no nada, penso em outra vida,
Mas as estradas já foram palmilhadas.

Já tropecei bastante.
O suficiente para meu coração cair
E ter de ser apanhado,
Mas algo sempre fica no chão do passado.

Ferimento

Fui combater no combate da vida.
Fui ferido por uma arma da poesia.
Agora, estou com uma hemorragia de sentimentos,
E não há um coágulo de paixão
Para aplacar a rubra torrente.
Hei de morrer de amor!

A queda dos meus arcos

Hoje eu vi uma cena muito triste.
Uma cena que trouxe um nó à garganta.
Sabe, nasci em Cascavel.
Gosto daqui, apesar do coronelismo.
Criei-me no bairro Guarujá,
Sempre crendo que ultrapassar
A Avenida Tancredo Neves
Era sair de um mundo e ir a outro.
Era ir para o centro.

O mais simbólico desse centro
Eram os contornos sinuosos da pista,
As voltas da nossa Cascavel.
Cada contorno adornado por belos arcos,
Que protegiam as voltas da cobra.

Pensava, quando criança, em passar de skate
Por tais arcos.
Nunca fiz isso.
Imaginei como seria tentar correr pelo arco
Até dar a volta,
De ponta-cabeça.
Nunca fiz isso.
Cada cena imaginada, cada cena ocorrida.
Todas vista por esses arcos, que se estendiam
Pela Avenida Brasil.

Um dia, hoje, em nome do progresso (talvez),
As máquinas botaram abaixo os arcos.
Sem um adeus!
De maneira fria!

Tantas memórias, meu Deus!

Tantas histórias...

Eliminadas, apagadas com um baque seco no chão.

Reconheço pouco da minha cidade de outrora.

Talvez tenham arrancado o chocalho dali.

Aviso

Deixei uma mensagem
Na entrada do meu coração:

“Quando sair, não feche a porta!”

Viagem de avião

Certa feita, tomei um avião.
Durante o voo, ele deu uma balançada.
Fiz de tranquilo, enquanto contava as nuvens.
Uns rezavam, outros apenas faziam o sinal da cruz.
A comissária de bordo sorria.
Eu? Hirsuto.

Um dos passageiros mais à frente
Olhava como fizesse força,
Segurando a aeronave.
Fechava os olhos, apertava os dedos
E mentalizava os cuidados do pouso,
Enquanto chovia lá fora.

Pousamos bem; ele – feliz – descia do avião.
Secretamente salvara a todos nós – assim o cria.
Sabemos todos que nada tem a ver.
Não foi sua torcida, havia gente até dormindo.
Mas, para ele, foi seu esforço que trouxe bem o avião.
Isso importava.
Assim é com a fé.

Esforço, não acaso

Naquilo que parecia mais o fim do que o começo,
Mais a escuridão do que a luminescência,
Resolvi buscar a minha consciência,
Que, agora, por fim eu reconheço.

O caminho pedregoso, a difícil jornada,
A insônia perigosa, a desmotivação envenenada
Eu vi sumirem, quando expurguei os temores
E, finalmente, minha consciência saldou os devedores.

Hoje, a fronte erguida diante de todos ostento
Sei que quando quero algo, eu não mais tento,
Faço! Conhecendo os dissabores que tive no caminho...

Olho para o céu, reflito: Não estive sozinho!
Se quer saber como conseguir, conto-lhe o caso:
Eu sou um vencedor! Foi esforço, não acaso!

O grito

Que o grito saia da sua garganta
Quando for libertador!
Seja por uma alegria tanta,
Seja para aliviar a dor!

Que a palavra cure
O tempo que passou.
Não há silêncio que perdue
Para o espírito que lutou!

Sorriso

Pode um sorriso curto
Aliviar uma espera longa?
Talvez você me abra
Essa cortina perolada
Que tem na boca.

E a luz passe por ela,
Buscando o meu olhar.
Talvez eu acene tímido,
E meu carinho distante
Possa a namorar.

Dia da Mulher

Na firma, um dia depois:

- Que você deu para sua mulher?
- Mandei flor.
- E você?
- Comprei um vestido.
- E você?
- Um sapato que minha filha escolheu.
- E você, Jairo?
- Eu dei razão.

Alvo duplo

De amar por um instante
Ou de viver o peito amante,
Teima o coração?

Se eterno ou efêmero, não sei.
Sei que é um fato.
Sei que meu peito, aberto,
Espera a tua flecha.

Guardo que, por toda a vida
Ou por um momento certo,
Tu me abras teu coração.
Mesmo que apenas uma brecha.

Limiar

Não vale a pena
Viver num mundo em que
“Eu te amo”
Seja uma hipérbole.

Esteira

E você, nessa esteira, caminha para onde?
Para a memória de dias queridos?
Para a surpresa de dias vindouros?
Caminha para esquecer ou lembrar?
É por causa nobre?
É por espírito pobre?
É por quê?

Terá fim a jornada?
Será eterna a estrada?
Trouxe água, lanche, cobertor?
Viu, na andança, o vulto do amor?
Ele virou a cabeça,
Mas você não parou.
Acho que você gosta de andar.

Espero que, nesse trajeto sem pó,
Você não fique só
Por querer andar demais.
E, caminhando firme na esteira,
Garanta a certeza derradeira
De não ter deixado a alma para trás.

Chique

Eu acho que falta certo refinamento
Em nosso viver.
Não que a vida não seja refinada,
Mas é que vivemos com uma brutalidade.
Ah, que brutalidade!
Entramos aos gritos!
Saímos num sufoco!
Caminhamos em delírios de glória,
Fazendo pequenas paradas de ilusão.

As palavras, os socos, os pontapés,
Tudo revela a falta de cortesia
Com que tratamos a vida.
A violência nos surge como linguagem.
A indiferença, como religião.

Chique é a formiga,
Que opera sua vida comedida:
Se tromba na irmã, cumprimenta e segue,
Com o refinamento dos sem aspiração,
Dos sem discurso,
Dos sem partido,
Dos sem filosofia.
Apenas ocupada em viver.

Fantasia

Você não sabe quantas vezes
Minha boca buscou a sua em sonho.
Sabe?

Você não sabe quantas juras secretas
Em cada troca de olhares.
Não sabe que já fui sua esposa,
Sua amante, sua concubina escarlate.

Talvez só saiba que eu olho.
Nunca direi.
Não posso; não me é permitido.
Já senti sua pele sem nunca o ter tocado.

Já ri das juras de amor que você nunca fez.
Já fiz você implorar por um amor que nunca tivemos.
Já rezei para você voltar logo
De uma viagem que nunca fez.

Já chorei pelas brigas homéricas que nunca brigamos.
E regozijei pelas pazes que nunca fizemos.
Quem sabe, minha vida seja dupla,
E eu nunca domine meu coração.

Quem sabe tenhamos filhos etéreos,
E eu os crie dentro da minha ilusão.
Quem sabe minha fantasia acabe
Com o tempo em mar revolto.
Quem sabe seja ela o único remédio
Para manter vivo o meu coração.

Madrugada

Não ouço vozes na madrugada.
Não sinto coisas.
Fantasmas não vêm falar comigo.
Os bandidos lá fora não pensam em entrar.

Você não está aqui.
Nem sei se eu estou.
Talvez eu esteja aí,
No seu abraço,
Nos seus carinhos,
Nos seus sonhos.

Você nem me diz “adeus”
Quando se despede.
Espero que seja por nunca querer.
Entro e saio na e da madrugada
Dando os braços para você abraçar.

Álbum de família

A foto era muito ruim,
Quase não dava para ver
A pinta que minha irmã tinha no rosto.
Eu, sentado no burrinho,
Era loiro e todos os dentes eram meus.
O carro vermelho ainda não era desbotado.

Nunca mais tirei a mesma foto.
Aquele ruim, de câmera ruim.
Hoje temos 12, 20, 30 megapixels,
Mas ainda não tiro aquela foto.
Não tenho mais as cores daquele tempo.
Nós melhoramos as máquinas
E pioramos as pessoas.

Não diga “adeus”

Não importa seu nome.
Não importa onde esteja.
Não importa o tamanho da sua dor.

Não se despeça precocemente.
Não me diga o seu “adeus”.
Não agradeça pelos momentos.

Há histórias e estórias
Por registrar e por imaginar,
Há músicas a cantar.

Não pode haver dor que resista
A pão, linguiça, carvão e cerveja.
Não diga “adeus”
Até que tudo se complete.

Luminária

Há uma luminária no banheiro do meu quarto.
São três lâmpadas fluorescentes, ditas de longa vida.
Com o tempo, duas não funcionavam mais.
Percebi isso no banho.

Fui ao centro e comprei duas novas.
Essas ainda mais duradouras.
Tudo pronto, fui tomar banho.

Saí e me olhei no espelho:
Percebi algumas rugas que despontavam.
Até vi um fio de cabelo branco.
E notei uma cicatriz no meu peito.

Subi no vaso sanitário
E desrosqueei as duas lâmpadas novas.
Elas têm vida longa, eu não.
Elas não sabem, eu sei.

Sobre o tamanho

Tamanho é perspectiva:
Tudo tem tamanho exato
Quando nos lembramos de atribuir.
A dor, o amor, a memória
Cabem na caixa que vamos construindo.

Carpinteiros que somos;
Não por vontade, mas por condição;
Guardamos nossas caixas
No maleiro da vida.
Tudo empilhado, tenho uma pirâmide,
Em que subo para olhar meu horizonte.
Ele tem o tamanho das referências bibliográficas.

Plural

Eu, criatura singular.
Primeira pessoa evidente;
Ego manifesto e presente
Que obsta o ofício de amar.

Você – um belo tratamento –
Vive em amarga solidão.
Espera dividir seu coração
Por mais do que um momento.

Talvez, na conjugação das vidas,
Queira ser verbo de ligação
Acompanhado por participiais

Formas que buscam saídas,
Para eu pegar a sua mão
E, desse plural, não largar mais.

Caça aos poetas

Estamos com a cabeça a prêmio.
Poetas: criaturas ameaçadas.
Os que sobraram correm por abrigo
Em compêndios sem importância.
Os que já se foram deixaram o peito amigo
Aberto nas esquinas dos lamaçais.
Nada se pode contra esse assassino,
O imperativo categórico da alienação.
Afiamos as penas durante anos,
Mas eles envenenaram o coração.
Elegias, epitalâmios, odes, sonetos:
Nada escapa a um futuro preto,
Que apagará todas as cores
Dos poemas, dos amores.
Nada pode o meu poema em um mundo asséptico,
Pois hoje se ganha um amor com uísque e energético.

Pena fundamental

Viver é como ler uma narrativa:
Ninguém sabe direito o que vai acontecer.
Ninguém sabe muito bem de onde veio tudo isso.
E, quando damos por conta, ali estamos:
Virrando; narrendo.

Muitos são apenas coadjuvantes da própria fabulação em que vivem.

Há protagonistas; há antagonistas.

Há os que, entre duas ou três ações, escrevem milhares de páginas descritivas.

Nunca se sabe como será o próximo capítulo.

Apesar disso, o fim é sempre igual.

Que esperar de toda essa confusão?

Nada, apenas o deleite de uma bela narração.

Gaveta

Nunca guardei versos
Na gaveta do coração.

Doei todos que tinha
Pela pena da emoção.

Alguns eu lhe devia,
Mas careceram de criação.

Adubei nova safra
Com esterco de paixão,

Sem saber que liquidaria
Todos na promoção.

Luneta

Vi, de longe, que ninguém se importava com o mundo.
Vi, que as pessoas, mesmo vivendo no mundo, estavam alheias.
Todas, com as caras metidas em seus smartphones, viviam.
O toque mais importante passou a ser o do indicador na tela.
Isso vivificou as almas mais covardes e adormeceu os espíritos
mais valentes.

Vi, não tão de longe, meus amigos abandonando seus ideais
Por causa de uma entrada para a cervejada da faculdade.
Vi que não tardaria até que fôssemos argila novamente,
Moldados pelos números da TV ou das mídias vulgares da
telecomunicação.

Vi que leiloaram o bem mais precioso do meu país,
Enquanto as pessoas sequer ruborizavam.
Tomado pela consternação, arranquei uma estrela da minha
bandeira e a atirei contra minha própria imagem no espelho.
Não serei mais um covarde?
Não serei mais um que apenas observa, com a luneta, espantado -
sem ver o inferno que se descortina ao meu lado?
Penso em lutar, mas minhas mãos estão presas nas redes sociais.

O Capital

Você descansa a cabeça
No travesseiro
De penas
Que foram arrancadas
Do ganso.

~

No papel, há a tinta de um coração monocromático.
Ela quer pintar afrescos na moldura da vida.
Diferentes tons do mesmo ser
Que fazem um arco-íris cinzento
Moldam a imagem de uma alma
Que busca o refúgio colorido
Pela resplandescência do teu olhar.

Possessão

Você pode ter muito dinheiro, mas pouco caráter.
Pode ter uma casa grande, mas um coração pequeno.
Uma boca aberta, mas a mente fechada.
Um barco novo, mas uma alma velha.

Ano após ano, o dinheiro é gasto; o caráter não.
A casa grande permanece vazia.
O coração bate lento.
A boca assinou os cheques da ignorância
Sem a mente ficar sabendo.
O barco ficou parado, atracado na solidão.

Percebe que nem todo ouro compra o sono honesto?
É o caráter que embala a madrugada.
A maior morada é o coração, que - de nada serve - se vazio.
As palavras mais importantes não são ditas, guardam-se na mente.
O melhor barco não atravessará o mar da eternidade: é a alma o navegante.

Barata-voa

Na República das Baratas,
Após longos anos de arrasto
Pelo lodoso corredor do embuste,
Alguém saiu com uma –
Muito boa, por sinal –
De ameaçar um senador.

Foi por coisa pouca:
Exigiram que entregassem o dono dos 30 milhões,
Encontrados num quarto de motel,
Sob prostitutas de luxo.

Ninguém deu muita pataca, no início.
Mas o caso era de uma semana, ou seja,
Sete dias para entregar todas as partes
Envolvidas no escândalo.

O criminoso, barata média, calou com veemência,
Nunca iria se expor a algo do tipo.
Enfurnado na casa de veraneio dum amigo ou comparsa,
Passou dois dias bebendo champanha na virilha de dois travestis.

A farra, no entanto, foi interrompida.
Um projétil do povo perfurou o crânio do senador.
Nada pôde fazer sua rede de favores para evitar o caso.
Houve comoção, houve reportagens, houve investigação.
Nada.

Uma semana depois, publicou-se nota:
“Exigirmos a diminuição do valor da gasolina”
Seguiu-se a ameaça:

Pela boa, está a cabeça do deputado Fulano,
Ilustre representante da classe dos classudos.
Declarações públicas, revolta, mais comoção:
“Não temeremos esses terroristas vis”
Um carro carbonizado encerrou o caso.

Instalou-se um verdadeiro caos político:
Ninguém dormia, ninguém aparecia no Congresso.
O medo tomara conta da situação.
Medo de uma exigência, medo de mais um acidente.

“O presidente deve se retirar de seu cargo em três dias”
Meu deus, e agora? As coligações? Os favores? Os doleiros?
O pavor era incontrolável.
“Acho que precisamos fazer alguma coisa”
“Saia do país”
“E se me pegam?”
“Não pegam”
Pegaram. E não foi pouco.

Por alguma razão, divina providência ou coisa assim,
Dentro de um ano, o desinteresse pela política foi gigante:
Ninguém mais queria ser candidato a porra nenhuma.
“Vou trabalhar para esse povo ingrato jamais”
Mas os índices começaram a melhorar,
Inflação caiu,
Emprego subiu,
Pararam de liquidar os bens do país.
Tudo em nome de uma ideia,
Tudo em nome da honra de uma nação,
Tudo seria possível, não fosse pela condição
De povo que ri do semelhante, enquanto assina uma delação.

Paradoxo

É curioso este paradoxo:

Ter de estar longe para poder ficar perto.

Eu cá pranteio sozinho em algum restaurante de Porto Alegre

Enquanto vejo o semblante de meu filho,

Que resplandece sereno.

Ele, sem preocupações, prepara-se para guerrear em um mundo
bravio.

Eu, num turbilhão de pensamentos, atravesso a vida arredio.

Quisera ser um filtro Melitta,

Para conter até o amargor do café que ele há de tomar.

Mas isso não é possível.

Deus deixa, no máximo, que eu acrescente algumas colheradas de
açúcar.

Posso limpar os machucados,

Mas não evitar as quedas.

Posso ensinar que a vida,

Por mais vil amante que seja,

Consiste numa caminhada sem finalidade,

Que só tem valor pelas estradas que palmilhamos.

De pai para filho

Para Octávio Jamilk

Fizemos planos, traçamos metas...
Até delineamos uma data.
Mas as coisas do homem são apenas do homem.
As do universo têm pouca, ou nenhuma, explicação.
No meio de um dia simples,
Minha esposa me olhou com os olhos que apenas a natureza
soube pintar.
Disse: é agora!
Corremos! Achamos amigos, familiares; amigos que se tornaram
familiares no meio do caminho...
Foram minutos ansiosos até que eu ouvisse o primeiro clamor do
novo guerreiro que rebentava no mundo: meu filho!
Meu filho! Que coisa mais bonita de se dizer.
Faz algumas horas que começo a entender os últimos trinta anos
da vida de meus pais.
Todas as trivialidades somem:
Não há fome; não há sede; não há sono.
Há um pequeno coração
Que urge por uma grande lição,
Que não é descrita nem está escrita em qualquer manual,
Mas que se transmite pelo toque da mão.

Bate-papo

Eu cansei de ouvir as chatas conversas
Dos cientistas.
Muita metodologia,
Mas nenhuma poesia.
Prefiro a conversa parruda,
Substancial da mesa do almoço.
Minha irmã traz os copos,
Eu pego os pratos,
Meu pai sempre chega com a carne assada,
Que sempre está dura como um pau.
O riso, a maionese, o sentimento, o refrigerante.
Há mais conhecimento aqui
Do que em toda a obra enciclopédica.
Mais metafísica do que em qualquer religião.
É o que importa, no fim das contas.

Pluviema

Hoje choveu.
Depois de uma longa época de estiagem,
Sentimos algumas gotas sobre a face.
Foram poucas, bem poucas,
Mas a chuva tem essa poesia,
Inexplicável, inextricável.
Pingo por pingo,
Um pluvioso poema
Que o pinte Deus,
Que o pinte o homem,
Com sua acidez,
Ainda é uma das expressões mais belas
Daquilo que podemos sentir,
Sem precisar de muito contexto.
O amor cai em gotas,
Tal e qual a chuva,
Mesmo que vivamos em um longo período de estiagem.

Poema encontrado

Um poema encontrado
É como um corpo que boia num rio:
Pode ser encontrado já sem vida,
Pode ser abandoando para ser devorado.

Um poema encontrado não tem destino.
Também não tem dono.
Aquele que adotar esse rebento sem pai
Será responsável por todas as suas conseqüências,
Ainda que não haja nenhuma.
Nesse caso, será responsável também por sua morte,
Que se abate cada vez mais sobre os versos,
Em razão dos sacos de cimento que temos n'alma.

Não deixe o poema morrer, se o encontrar.
A cada verso morto, morre um poeta,
Morre uma esperança,
Morre um leitor,
Morre uma essência.

Rosalda

Dona Rosalda tem 64 anos,
Trabalha em uma academia que fica
No coração da cidade.
Limpa os vidros, varre o chão,
Passa um pano em todas aquelas máquinas
Que abraçam tanta gente todos os dias.

Ela mesma jamais sentou num aparelho daqueles,
Nem quando mais moça.
Eu não sei pra quê? – ela dizia.
Mas, ainda assim, cuidava com carinho o que lá havia.
Com carinho de avó, que deveria ser.
Esguichava o limpador e buscava cada detalhe,
Com o mesmo esmero que limpava a própria casa.

Para o povo que ficava em volta,
Havia um misto de terror e piedade,
Na figura daquela senhora acima do peso,
Com varizes nas pernas,
Um cabelo que transitava entre o loiro e o grisalho.
Ninguém sabia o amor que ela guardava debaixo daqueles panos.
Ninguém poderia conhecer o sabor de suas compotas,
De seus escondidinhos,
De seus pães de Nossa Senhora.
Ninguém!
Pois estavam todos se empanturrando com um regime:
Muita proteína, pouco sentimento.
Zero carboidrato, o máximo de indiferença.

Rua da Lapa

Um dia, quando eu tinha 30 anos,
Entrei pela Rua da Lapa.
Isso por volta das 10 da manhã.
Tranquilo, tinha acabado meu treino,
Suado por conta da academia,
Alguns golpes contra a vida,
Vários contra o saco de pancadas.

Na Rua da Lapa, dei sinal e ultrapassei um carro,
Mais outro, mais outro.
Deveria ser uma Saveiro, ou uma Tucson,
Na verdade, eu não sei bem qual era o tipo de carro.
Mas, no último deles, havia uma coroa de flores
E a escrita ACESC.
Fiquei meio receoso de ultrapassar,
Talvez um pouco com vergonha
De fazer a descortesia de ultrapassar
O carro que levava o caixão de um morto.
Mas, pela alegria da música que tocava no rádio -
Queen – dei sinal de luz e segui.

E, naquele dia, às 10 horas da manhã,
Eu ultrapassei a morte.
Não acenei, não fiz gesto.
Sequer descobri a cabeça.
Passei como ela não existisse.
Mas ela existia.
E, de alguma maneira, estava ali
E, talvez, naquele mesmo momento,
Ela tenha passado por mim também.

Pouco

Toda essa conversa fiada
Do estatuto da humanidade
É uma besteira tremenda.

Doutos aqui e acolá,
Com sérios problemas de vida.
Empresários, professores,
Comandantes militares,
Filósofos, engenheiros,
Uma porção de nomes
Para designar a fantasia
Em que brincamos de existir.

O que temos, por mais que pareça muito,
É pouco, muito pouco.
É só a vida.
E ela basta.
Nada mais.

Amor

Encho seu copo com cerveja,
Você toca mais uma nota.
Acendo o fogo da churrasqueira.
Um fala sobre as façanhas do passado,
Outro fala sobre as aspirações do futuro.
No presente, apenas rimos.

Tudo transfigurado na maionese da memória,
As linhas de nossa história
Recontamos entre um espeto e um prato de salada.
Décadas passadas num compilado de horas
Acabam sem uma doce sobremesa,
Porque é no amargor do lúpulo
Que depuramos nossas tristezas

Noite chega e breve nosso grupo
Será como a gordura dos talheres
Lavada com água e detergente
Pelas inábeis mãos do destino.
Padeço menos porque sei
Que hemos de nos encontrar
Em alguma poça de outros tempos.
E ali seremos eternos.

Silêncio

Se ajoelhei sobre as pedras,
Só eu sei.
Se me cortei nos espinhos,
Guardo para mim.
Se a estrada me cansou as pernas,
Eu senti calado.

Veza ou outra, houve lágrimas
Que me inundaram o olhar.
Delas, nunca tive vergonha.
Fizeram parte de mim
E da minha jornada.

Tudo aquilo que me roubaria
As forças cotidianas
Eu disfarço
Com alegria estampada.
Até que tudo seja memória
Dos passos que dei na caminhada.

Espelho Opaco

A existência é um desafio;
Uma colher pela metade.
É um espelho opaco,
Em frente do qual tentamos
Fazer uma maquiagem
Para figurar coadjuvantes
No espetáculo da eternidade.